

A narrativa como intervenção na clínica com autista¹

Narrative as intervention in the clinic with an autist

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de caso clínico de uma criança que chegou ao nosso consultório com o diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA). Além da descrição de algumas intervenções com o menino e sua família, destaca-se a importância da narrativa para a subjetivação. A proposta deste trabalho é analisar a escuta da família, que visou fazê-la perceber mais as potencialidades do filho e não apenas o diagnóstico fechado, em se tratando de uma criança em formação. A partir desse contexto, pretende-se examinar a constituição do sujeito e investigar as estruturas descritas por Freud, os respectivos mecanismos de defesas e o autismo. A finalidade é apresentar uma síntese do autismo na psicanálise, os três tempos pulsionais constituintes do bebê descritos por Laznik e o trabalho coordenado por Kupfer e sua equipe da USP, que instituíram os parâmetros dos indicadores de risco de desenvolvimento infantil (IRDI).

Palavras-chave: TEA, Constituição do sujeito, Narrativa, Família.

*É uma alegria estar escondido,
mas um desastre não ser achado.*
(WINNICOTT)

Introdução

O artigo objetiva analisar a escuta da família de um caso clínico, cujo filho fora diagnosticado com autismo, do tipo síndrome de Asperger. Inicialmente, é importante esclarecer que a escrita de um caso clínico tem a intenção de se constituir como uma troca e ampliar as possibilidades de intervenção. Cientes de que, para descrever fragmentos de um caso clínico, necessitamos contar com

a anuência da família, através de uma autorização assinada, isso foi providenciado assim que a família anunciou mudança de residência para outro estado brasileiro.

Além do caso de um menino de 11 anos de idade, consideramos relevante analisar as possíveis alterações na subjetivação, a partir de situações histórico-culturais e tecnológicas. O artigo apresenta fundamentos sobre a constituição do sujeito, examina o conceito

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e da III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, *Psicanálise e diversidades: inconsciente, cultura e caminhos pulsionais*. Belém (PA), 7-11 nov. 2019.

de transtorno do espectro autista (TEA) e descreve os principais mecanismos de defesa de cada estrutura psíquica, levando em consideração o questionamento sobre a possibilidade de o autismo ser entendido ou não como uma estrutura. Desse modo, faz-se referência a alguns analistas que atenderam autistas antes das contribuições de Laznik e de Kupfer no tratamento de crianças com essa condição.

Por último, são descritas algumas intervenções realizadas com o menino. Nesse processo, destaca-se a importância da narrativa e da escuta periódica da família.

O processo de subjetivação

Antes de seguirmos com a exposição do caso, cabe revisitar alguns fundamentos capazes de auxiliar no melhor entendimento do que é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA), denominação dada pelo DSM-5 (APA, 2013). Enfatizam-se as contribuições da psicanálise no que se refere ao processo de subjetivação. Para a psicanálise, o autismo é o primeiro e mais arcaico dos níveis de organização psíquica, ou seja, o autismo refere-se a alguma falha no início da vida do bebê.

Bleuler, em 1911, foi quem utilizou pela primeira vez o termo “autismo”, referindo-se ao autoerotismo, mencionado por Freud (1905). Freud definiu autoerotismo como o esboço de um amor por si mesmo, da sensação de prazer no próprio corpo. Além das contribuições mais recentes para a psicanálise do estudo de casos clínicos de Laznik (2004) e Kupfer (2010), podemos citar escritos de Bettelheim, Mahler, Meltzer, Tustin, Dolto, Winnicott, Alvarez, inclusive o caso Dick, de Melanie Klein, atendido na década de 1930 e descrito por Lacan ([1954] 1986) como um caso de autismo.

Segundo López (2001), a síndrome de Asperger é um dos tipos de autismo, nome designado por Hans Asperger (1944) um ano após a definição de Kanner (1943) de autismo, quando o diferenciou de psicose infantil.

Para López (2001, p. 20),

[...] o termo ‘síndrome de Asperger’ tende a ser reservado às raras crianças autistas quase normais, inteligentes e altamente verbais.

Muitos casais na atualidade ficam preocupados com a possibilidade de o bebê receber um diagnóstico de autismo, uma vez que sua incidência tem aumentado, conforme apresentam Kupfer, Bernardino, Mariotto e Talois (2016). Na década de 1990, havia 1 caso em cada 4 mil crianças. Em 2012, 1 caso em cada 88.

Qual a diferença na constituição psíquica do sujeito de hoje em relação aos tempos de Freud? Lebrun (2008) anuncia que há uma nova economia psíquica se organizando no ser humano e, a partir dela, surgem novas psicopatologias. Assim, a clínica psicanalítica não tem mais como centro apenas a pedra angular do recalque, e sim a renegação ou o desmentido, ou seja, defesas de um funcionamento psíquico mais primitivo.

Bauman (2004) nos alerta sobre as relações humanas serem mais líquidas, fluidas, portanto são tecidas e desmanchadas com mais facilidade.

Assim, para Bernardino (2016, p. 414), o sujeito

[...] cobra do mundo que a satisfação que busca lhe seja dada, estando na posição de cobrar seus direitos perante a sociedade, mas muito pouco disposto a cumprir seus deveres.

Lacan ([1949] 1998) descreve a formação da personalidade a partir de um tripé: o desenvolvimento, a concepção de si mesmo e a tensão nas relações sociais.

E apresenta o estádio do espelho com três momentos:

- o bebê não se reconhece, a mãe representa o espelho da criança e vai contribuir para que a criança se dê conta disso;
- o bebê vê a diferença entre si e a mãe, e fica alienado do outro;
- é o momento da entrada do pai para separar (castrar) a relação mãe-bebê. O pai é o portador da Lei, do simbólico.

Cabe uma observação de Garcia-Roza (2002), quando destaca que não devemos considerar o estágio do espelho o momento da constituição do sujeito. Essa etapa é ainda dominada pelo imaginário, e o que aí se produz é apenas um ego especular. Somente a partir da passagem do imaginário ao simbólico é que será produzido o sujeito, ou seja, por meio da linguagem.

Alguns autores, entre eles Laznik, afirmam que o autismo é anterior ao estágio do espelho, que há ausência de laço com o Outro – fora do discurso e da linguagem, uma ausência de subjetivação, portanto. A ausência do olhar atesta a não constituição do laço. Para Laznik (2004), um diagnóstico precisa observar três sinais, uma vez que há um fracasso nesses três tempos.

No autista, há falhas nessa *organização do olhar, da voz e do terceiro tempo pulsional*, que é de o bebê se oferecer ao Outro primordial. Nesses três tempos, são fundamentais o olhar e a voz (manhês) nas trocas entre mãe e bebê.

Minerbo (2016), ao examinar o que pode afetar o psiquismo do bebê, deixando marcas ou falhas na estruturação psíquica, faz uma analogia com o processo de preparar um pão. Para virar alimento, o pão necessita de um processo de preparação desde a espiga do trigo. O psiquismo do bebê não pode trabalhar com matéria-prima em estado bruto.

É preciso transformar os traços mnésicos da experiência, as espigas, em farinha, que corresponde às representações-coisa. É a simbolização primária (MINERBO, 2016, p. 82).

A autora acrescenta:

A representação-coisa já é psíquica. Mas, para ser inscrita no aparelho de linguagem, a representação-coisa precisa se ligar a uma representação-palavra. É a simbolização secundária (MINERBO, 2016, p. 83).

Nos casos de autismo, podemos inferir que os processos de simbolização primária e secundária estão afetados.

A partir do referencial freudiano sobre as três estruturas e suas defesas, entendemos que, na neurose, o principal mecanismo de defesa é o recalque; na psicose, é o repúdio ou a forclusão; na perversão, é a recusa, uma vez que o gozo é o que importa. No autismo, para Laznik (2011), o mecanismo de defesa é a elisão do primeiro registro de inscrição, ou seja, dos sinais perceptivos, com um fechamento autístico. Jerusalinsky (2012) defende que o autismo é uma quarta estrutura – a da exclusão pela ausência de sujeito.

Kupfer coordenou um trabalho significativo sobre os indicadores de risco de desenvolvimento infantil (IRDI), tendo como base uma pesquisa realizada no período de 2000 a 2008, em vários estados do Brasil, objetivando

[...] detectar já no primeiro ano de vida a interrupção do laço da criança com a figura materna (KUPFER, 2010, p. 15).

Um dos propósitos era possibilitar, durante o tratamento, que a criança ou o adolescente pudesse se constituir como sujeito. Os 31 indicadores IRDI foram resumidos em quatro eixos teóricos, previstos para acompanhar crianças de zero a 18 meses:

(a) suposição de sujeito; (b) estabelecimento da demanda; (c) alternância entre presença e ausência; d) função paterna (KUPFER, 2010, p. 15).

Após revisitarmos alguns fundamentos sobre os significados do autismo nos séculos XX e XXI, voltamos a especificar alguns fragmentos de nosso estudo de caso. Trata-se de um menino de 11 anos de idade, o sexto de sete filhos, diagnosticado com TEA aos 5 anos de idade. A avaliação foi realizada com um neurologista, que o encaminhou à especialista em psiquiatria e esta especificou tratar-se de síndrome de Asperger.

Aqui vamos chamá-lo de Dudu. O menino frequentava, em 2018, o 5º ano de uma escola pública de Porto Alegre (RS). Os pais são profissionais liberais com ensino superior completo. Ao escutar a família de Dudu nos primeiros atendimentos, percebeu-se que havia algumas dúvidas sobre o diagnóstico e sobre o significado da síndrome de Asperger. Por parte da escola, faltava um programa de conteúdo adaptado.

Os atendimentos com Dudu foram semanais, intercalados com atendimentos aos pais, sempre que a necessidade era percebida ou solicitada. Parte de cada sessão ficava reservada para que Dudu brincasse, assim podendo expressar a essência de si mesmo. Percebeu-se que utilizava muito a imaginação, a criatividade, demonstrando boa memória, capacidade de representar ou dramatizar situações vividas, verbalizando-as com bastante espontaneidade. Sua capacidade de vínculo evoluiu de modo significativo. Infelizmente, após seis meses, o tratamento foi interrompido por causa da mudança de residência da família.

A importância da narrativa para a subjetivação

Pensar intervenções para quem apresenta algum autismo é sempre delicado, uma vez que o psiquismo dessa criança pode mostrar algumas falhas em sua constituição, especialmente no que diz respeito à relação com o outro. Cognitivamente, alguns autistas podem operar sem apresentar grandes dificuldades.

Laznik (2016, p. 44), a partir da clínica com crianças autistas, ao examinar a trança do nó borromeu do Real, do Imaginário e do Simbólico, constatou que elas

[...] têm falha no campo Imaginário. Não somente o corpo não se mantém com as outras instâncias, mas geralmente elas apresentam dificuldades de imaginar histórias. Mesmo autistas de alto nível apresentam essa dificuldade.

Independentemente da estrutura psíquica da criança, consideramos a narrativa uma das ferramentas mais promissoras de intervenção. Ela é capaz de adubar aquele psiquismo escasso de sementes, arbustos ou ervas em um solo ainda empobrecido, oferecendo-lhe um mundo com novas possibilidades, sugerindo ideias e imagens até então não vislumbradas.

É narrando que a vida se transmite e permanece, seja nos escritos, seja na construção oral. [...] Não sabemos se a morte é o fim da história, mas a falta de história significa a morte psíquica. Mortos-vivos são aqueles que não podem contar. Porque não puderam contar para eles (GUTFREIND, 2010, p. 28-29)

Tendo isso como parâmetro, vamos comentar algumas intervenções de nosso caso clínico. Dudu ocupava-se, em alguns momentos da sessão, com massa de modelar e; repetidas vezes; construía uma mãe com um minúsculo bebê no colo, realizando as miniaturas com cuidado e com todos os detalhes possíveis. Em uma das brincadeiras na casinha, Dudu verbalizou o diálogo de dois personagens:

- Você é importante por aquilo que cativa!
- O personagem pergunta:
- O que significa cativar?
- O outro responde:
- Cativar é criar laços!

Muitos, ao escutar essa fala, provavelmente associariam o diálogo à narrativa *O pequeno príncipe*, de Saint Exupéry (2009). Realmente, Dudu dizia gostar muito dessa história, mas, em se tratando de criança, nossa escuta implicou perceber a emoção, a forma do diálogo entre os personagens.

Em relação à narrativa, valemo-nos das gravuras CAT-A, sem o protocolo de teste, apenas utilizando as imagens como recurso para ele escolher uma dentre as demais para contar uma história e a analista realizar a es-

crita. Vamos mencionar apenas alguns fragmentos de duas histórias.

A primeira teve como título *O coelhinho sozinho na casa assombrada com os amigos*. Iniciou com “Há muito tempo, num campo das flores silvestres...”. O enredo referia que, na noite de Natal, Miguel havia ficado sozinho e que, no quadro de Elisabete, a imagem havia se movido, a pintura dela começou a tremer... Finalizou narrando que, ao amanhecer, o quadro havia voltado ao lugar e que a família havia retornado. Em alguns momentos da narrativa, substituiu a palavra “quadro” por “espelho”.

Ao escolher a segunda gravura, o título ficou *A corda mais longa*. A história iniciou com “Numa bela tarde, três ursos...”. Contou que um dos três ursos ficou sozinho e triste. Havia uma competição por um pote de mel. A bruxa fez um feitiço. Os três enfrentaram a bruxa, e ela os transformou em abóbora, forno e flor. Parece que aqui, inicialmente, discorre sobre seus sentimentos, nomeando-os como solidão e tristeza. Além disso, está falando de uma disputa por um pote de mel – provavelmente em referência ao lugar junto à boa mãe, uma vez que ele tem mais seis irmãos. Além da boa mãe, também aparece a parte da bruxa, que, pela transgressão dos ursos, vinga-se e transforma-os em abóbora, forno e flor, ou seja, vegetais ou objeto, não mais ursos.

As duas histórias apresentam início, meio, fim, coerência, criatividade e imaginação. Nelas se percebe como Dudu fez colocações de seu mundo interno, como se ele tivesse percebido que alguma coisa lhe havia acontecido, quando “a imagem do quadro/espelho havia se mexido”, mas que, no final, havia voltado ao lugar. Essa “mexida”, quando se encontrava sozinho, possivelmente deixou alguns traços de ranhuras que precisam ser mais bem nomeadas. Na segunda história, os ursos, por sua transgressão, foram transformados naquilo que, em sua essência, não eram. Aqui, abrem-se várias interrogações para as fantasias, as defesas, os medos, os

fantasmas..., que tenham povoando o psiquismo de Dudu.

Considerações finais

Na clínica, o caso de Dudu teve que vivenciar mais uma ruptura após um vínculo estabelecido. A família, por questões de trabalho dos pais, optou por morar em outro estado. Essa ruptura foi trabalhada e nomeada por Dudu durante certo período. A família seguiu nossa recomendação de continuar o tratamento com uma profissional com formação em psicanálise. Todavia, Dudu demorou a se adaptar à nova escola, e a professora da sala de recursos solicitou uma avaliação com fonoaudióloga e psicóloga, que trabalhavam em parceria.

Mesmo morando em outro estado, a mãe do menino manteve contato conosco e trocou mensagens via WhatsApp. Alguns meses depois, ela nos enviou o resultado da avaliação psicológica, em que diagnosticaram e enquadraram Dudu, a partir do teste Whisky, como criança limítrofe, ou seja, com deficiência mental leve, classificado em CID F70, segundo o DSM-5.

Acreditamos que o caso Dudu seja um exemplo pertinente para abrir o debate sobre as diferentes formas de se olhar/escutar um mesmo perfil. Será que devemos dar mais atenção às potencialidades e capacidades já construídas ou apontar aquilo que falta? O caso nos alerta sobre o peso de um diagnóstico fechado, em especial em idade precoce. Em se tratando de crianças, a plasticidade neurológica e psíquica deve ser considerada, apesar de ser possível estabelecer um diagnóstico inicial. As pesquisas com IRDI têm como finalidade perceber em tempo quando há uma possibilidade de risco no desenvolvimento ou na estruturação psíquica.

As intervenções precoces com bebês e famílias têm mostrado possibilidades da não instalação e da reversão do autismo, conforme demonstram os escritos de Laznik (2004, 2016), Kupfer (2010), Bernardino (2011, 2016), entre outros.

Para finalizar, apresento como reflexão um pequeno poema autoral:

A ruptura do laço

*Ao amanhecer tudo me pareceu muito estranho.
Senti ter perdido o paraíso.
Chorei, gritei, buscando um acalento.
Logo uma agonia me invadiu.*

*Os dias passaram e ela continuava a me alimentar.
Ela arrumou um quarto só para mim.
Sinto o seu cheiro, mas não a percebo.
Ela me chama pelo nome, mas não o (re)conheço.*

*Ela vai e volta, mas não encontro a sua voz.
Não encontro o seu olhar, tudo é muito estranho.
Ela me cuida, me troca e quer brincar comigo.
Mas não a encontro.*

*Vejo e toco os muitos brinquedos, objetos,
Coisas que ela me oferece.
Mas tudo é muito confuso e desconhecido.
Um mundo em que não consigo me encontrar no Outro.*

Abstract

This paper presents a case study of a child who came to our office with the diagnosis of Autistic Spectrum Disorder (ASD). In addition to describing some interventions with the boy and his family, the importance of narrative for subjectivation is highlighted. The purpose of this paper is to analyze the listening in the family, which aimed to make it better understand the potential of the child and not just the closed diagnosis, considering the subject is a child in development. From this context, we intend to examine the constitution of the subject and investigate the structures described by Freud, the respective defense mechanisms and autism. The purpose is to present a synthesis of autism in Psychoanalysis, the three drive times constituent of the baby as described by Laznik, and the work coordinated by Kupfer and his USP team, which established the parameters of the Child Development Risk Indicators.

Keywords: ASD, Constitution of the being, Narrative, Family.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BERNARDINO, L. Os “tempos de autismo” e a clínica psicanalítica. *Estilos clínicos*, São Paulo, n. 2, v. 21, p. 412-427, ago. 2016.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- JERUSALINSKY, A. *psicanálise e autismo*. São Paulo: Instituto Langage, 2012.
- KUPFER, M. C.; BERNARDINO, L. F.; MARIOTTO, R. M.; TALOIS, D. Metodologia IRDI nas creches: um acompanhamento do desenvolvimento psíquico na primeira infância. In: KUPFER, M. C.; SZEJER, M. *Luzes sobre a clínica e o desenvolvimento de bebês: novas pesquisas, saberes e intervenções*. São Paulo: Instituto Langage, 2016.
- KUPFER, M. C.; PINTO, F. S. C. N. (Orgs.). *Lugar de vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAZNIK, M. C., TOUATI, B.; BURSZTEJN, C. *Distinção clínica e teórica entre autismo e psicose na infância*. São Paulo: Instituto Langage, 2016.

LAZNIK, M-C. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador: Ágalma, 2004.

LAZNIK, M-C. *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

LEBRUN, J-P. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LÓPEZ, A. M. L. Reflexões sobre a contribuição da psicanálise no entendimento do autismo infantil. *Revista Estudos de Psicanálise*, Recife, v. 24, p. 19-30, dez. 2001.

MINERBO, M. *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher, 2016.

SAINT-EXUPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Recebido em: 08/11/2019

Aprovado em: 28/12/2019

Sobre a autora:

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Psicanalista pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS).

Psicopedagoga titular.

Mestre em Educação pela

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora em Psicologia Social

pela Universidad Argentina J. Kennedy.

Professora da Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) de 1996 a 2017.

Trabalha em Consultório

no Lindoia Center, Porto Alegre, desde 1995.

Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise.

Autora do livro *O mutismo seletivo no espaço escolar*.

Endereço para correspondência

E-mail: <melaniawagnerfp@gmail.com>

